

A MASCULINIDADE DE PÁRIS NO DISCURSO ILIÁDICO: CONTRASTES DE GÊNERO NA POESIA HOMÉRICA

Felipe Daniel Ruzene¹

Resumo: Este artigo investiga a masculinidade do príncipe troiano Páris na narrativa da *Ilíada* de Homero, contrastando-a com outros modelos heroicos suscitados pela poesia épica. Diferentemente de Aquiles e Heitor, cuja masculinidade está mais associada à guerra e à honra, Páris (ou Alexandros) é frequentemente associado à feminilidade e à sedução, sendo criticado por outras personagens como o responsável pela guerra entre gregos e troianos através do sequestro de Helena. A análise considera como a poesia homérica constrói modelos de masculinidade e suas contradições, explorando a tensão entre força e vulnerabilidade. Além disso, examina o papel do discurso na caracterização de Páris e as implicações sociais e culturais de sua representação. Em oposição às interpretações conservadoras que argumentam o solipsismo, virilidade e violência como marcas do homem homérico, este estudo propõe que a *Ilíada* não apresenta um modelo único e hegemônico de masculinidade, mas um campo de disputas simbólicas que pluralizam as noções de gênero no contexto diegético da epopeia arcaica.

Palavras-chave: Masculinidades; Homero; *Ilíada*.

THE MASCULINITY OF PARIS IN ILIADIC SPEECH: GENDER CONTRAST IN HOMERIC POETRY

Abstract: This article investigates the masculinity of the Trojan prince Paris in Homer's *Iliad*, contrasting it with other heroic models raised by epic poetry. Unlike Achilles and Hector, whose masculinity is more associated with war and honor, Paris (or Alexandros) is often associated with femininity and seduction, and is criticized by other characters as the one responsible for the war between the Greeks and the Trojans for the kidnapping of Helen. The analysis considers how Homeric poetry constructs models of masculinity and its contradictions, exploring the tension between strength and vulnerability. In addition, it examines the role of discourse in the characterization of Paris and the social and cultural implications of his representation. In opposition to conservative interpretations that argue solipsism, virility and violence as marks of the Homeric man, this study proposes that the *Iliad* does not present a single and hegemonic model of masculinity, but a field of symbolic disputes that pluralize notions of gender in the diegetic context of the archaic epic.

Keywords: Masculinities; Homer; *Iliad*.

¹ Mestre em História pela UFPR, onde defendeu a milésima dissertação do PPGHIS com pesquisa sobre masculinidades e práticas ético-dietéticas na *Ilíada* e na *Odisseia*. Pesquisador do Grupo de Estudos em História Antiga e Conexões com o Presente (GEHA/UFPR), com atuação voltada à História Antiga e às relações entre cultura, ética e sociedade. Vencedor do Prêmio Cultural Eugênia Sereno (IEV) e membro da SBPC, ANPUH-PR e SBEC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5613674128113039>. E-mail: felipe.ruzene@yahoo.com.br

A historiografia contemporânea, não obstante à constituição patriarcal da sociedade helênica, vem investigando como os papéis de gênero na Antiguidade podem ser reinterpretados a partir tanto da reanálise dos documentos textuais quanto da inclusão de novas perspectivas a partir de outras fontes. Nesse sentido, Beatrice Mellsop elucida como os textos de Homero² podem ser interpretados enquanto narrativas que apresentam o que é ser “homem” e adverte sobre possíveis desvios dessa definição³. Também, Frederico Lourenço classifica a narrativa homérica como um “exercício de cartografar aquilo que é ser homem”⁴. Contudo, os padrões de masculinidades na sociedade arcaica e na constituição mitológica não seguiam a normatividade reclamada na contemporaneidade⁵. Logo, embora desfilem na narrativa homérica diversas formas de masculinidades, por certo não representam os mesmos modelos – sejam hegemônicos ou transgressores – das consciências de masculinidade que temos na atualidade.

Na *Ilíada*, o contexto da guerra de Troia serve como o cenário principal em que a masculinidade é testada e definida. A masculinidade heroica de Aquiles, o mais poderoso dos guerreiros gregos, é construída em torno da bravura, do orgulho e da busca incansável pela glória eterna no pós-vida – *kléos*⁶. Aquiles é o paradigma do guerreiro invencível, cuja identidade está intrinsecamente ligada ao campo de batalha, como apontam James

² Neste artigo, o nome “Homero” é usado para se referir ao(s) autor(es) ou tradição(ões) que deram origem à *Ilíada* e à *Odisseia*, por uma questão de conveniência, sem considerá-lo um autor individual e histórico que compôs ambos os poemas. Para mais informações sobre essas questões, reconhecidas por questões homéricas, veja: NAGY, Gregory. *Homeric questions. Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, v. 122, p. 17–60, 1992.

³ MELLSOP, Beatrice. Homer's dream guy: an exploration of masculinity and honor in the *Odyssey*. *Studies in Mediterranean Antiquity and Classics*, Saint Paul - MN, v. 7, n. 1, p. 1-8, 2023.

⁴ LOURENÇO, Frederico. Introdução. In: HOMERO. *Ilíada*. Lisboa: Quetzal Editores, 2019. p. 20.

⁵ Cf. WORMAN, Nancy. The body as argument: Helen in four Greek texts. *Classical Antiquity*, Berkeley, v. 16, n. 1, p. 151-203, 1997.

⁶ VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 31–62, 1978. p. 32.

Redfield⁷ e Jean-Pierre Vernant⁸. No entanto, sua masculinidade também revela uma vulnerabilidade emocional, especialmente em sua relação com Pátroclo⁹ e na dor devastadora que sente com a morte do amigo. Em contraste, Heitor, o herói troiano, exemplifica uma masculinidade que equilibra o papel de guerreiro com o de protetor da família e da cidade. Sua preocupação com o destino de Troia e seu amor por sua esposa, Andrômaca, e seu filho, Astianax, conferem à sua masculinidade uma dimensão igualmente trágica e demasiadamente humana, contrastante com a condição de solteiro e a fúria de Aquiles¹⁰.

Deve-se notar, portanto, como a contradição está sempre presente nas representações das masculinidades na narrativa épica. Aquiles, o bravo e heroico (quase sempre aquele que se entende como o modelo ideal de masculinidade homérica), mostra-se desmedido, furioso, inseguro com suas próprias escolhas e, ao fim e ao cabo, o responsável por inúmeras das dores gregas (Il. I, 2-3).¹¹ Incapaz de salvaguardar a vida de Pátroclo, chega a se arrepender de sua escolha pela glória ao invés de uma longa vida (Od. XI, 482-486.). Heitor, embora capaz de ser o maior dentre os guerreiros, príncipes,

⁷ REDFIELD, James. *Nature and Culture in the Iliad: the tragedy of Hector*. Durham: Duke University Press, 1994. p. 104.

⁸ VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Discurso, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 31-62, 1978. p. 36.

⁹ Na Ilíada o relacionamento de Aquiles e Pátroclo é um modelo de amizade profunda e leal, expressa na reciprocidade ética e comunitária da *philótēs*, algo além da relação afetiva/pessoal que se supõe pela palavra “amizade” na modernidade. Contudo, a natureza de seus afetos é objeto de disputa desde a Antiguidade. Não há versos homéricos que explicitem uma relação sexual entre eles, mas muitos autores e comentaristas enxergam um exemplo do modelo pederástico grego ou do amor homoerótico no Período Arcaico, como representado nas obras de Ésquilo, Platão, Píndaro e Ésquines, por exemplo. Para estudos mais aprofundados, recomenda-se: DOVER, Kenneth. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. Tradução: Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007; CLARKE, W. M. Achilles and Patroclus in love. *Hermes*, Wiesbaden, v. 106, n. 3, p. 381-396, 1978.

¹⁰ Cf. REDFIELD, James. *Nature and Culture in the Iliad: the tragedy of Hector*. Durham: Duke University Press, 1994. p. 3-29.

¹¹ O padrão para referenciar obras clássicas não segue a mesma estilística empregada para bibliografia moderna. Assim, faço uso do sistema mais usual, no qual se menciona o título abreviado da obra, seguido da numeração dos cantos e dos versos, conforme as subdivisões tradicionais da obra que estiver sendo mencionada. No caso supracitado: Il. I, 2-3, refere-se à Ilíada de Homero, Canto 1, Versos 2 e 3.

maridos e pais troianos, ao final das contas é mais um dos que sucumbem pela fúria do Pelida e, com ele, têm fim sua nação, família e reinado.

Esses modelos de masculinidades não são apenas personificados pela capacidade militar, bravura ou caracteres bélicos, mas também um conjunto de elementos que se relacionam aos contextos culturais, sociais, sexuais, religiosos e de gênero na Grécia Antiga. A interação dos personagens com os deuses, a honra diante dos outros homens e o inevitável confronto com o destino moldam suas identidades masculinas de maneiras que são ao mesmo tempo específicas aos poemas e reconhecidas pela múltipla audiência helênica em períodos posteriores.

O *ethos heroico* nas masculinidades homéricas

Na obra de Homero¹², são evidentes as distinções sociais, corporais e valorativas entre as personagens. Dentro desse contexto, como analisa Luiz César Teixeira dos Santos, a sociedade grega demandava corpos edificados e aptos à atividade guerreira. Por isso, talvez, a maior parte das personagens homéricas pertencia a uma aristocracia guerreira, cujo histórico genealógico incluía diversos heróis de combate, o que os levava a seguir e compor exemplos bélicos. Assim, a preparação militar das masculinidades era fundamental para formação de “um corpo forte, uma musculatura de combatente e uma estética guerreira, pois as constantes lutas e guerras exigiam-lhes estes requisitos”¹³. Além dos atributos físicos ligados ao corpo, as armas e armaduras também eram relevantes fragmentos da formação masculina guerreira (*Il. XIX*, 12-14).

¹² As citações às fontes homéricas provêm da versão grega organizada em 1920 pela Oxford University Press e disponibilizada na Perseus Digital Library da Tufts University. A versão para o português advém das traduções de Trajano Vieira. Opto por tal versão em virtude de ter sido rigorosamente metrificada pelo tradutor, buscando recriar em língua portuguesa a fórmula do original.

¹³ SANTOS, Luiz César Teixeira dos. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 73-77, 1997. p. 73.

Apesar desses caracteres e da figura masculina estar ligada, desde a Antiguidade, ao domínio, à força e à violência, como investigaram Maurice Sartre¹⁴ e Donna Zuckerberg¹⁵, entendo que os poemas homéricos oferecem uma variedade de ângulos a partir dos quais se podem observar os diferentes paradigmas de comportamento masculino – que, inclusive, tornar-se-ão profundamente influentes ao longo de toda a Antiguidade, do Período Arcaico ao Tardio. Jean-Pierre Vernant, por exemplo, comprehende o excesso e a brutalidade como partes integrantes dos valores guerreiros na sociedade épica, visto que poderiam culminar na “bela morte” (*kalòs thanatós*)¹⁶. Na análise do autor, o valor masculino homérico estava em morrer no ápice da virilidade e durante o combate. Assim, Vernant afirma que: “A guerra, o ódio, a violência destruidora, não pode nada contra aqueles que, inspirados pelo sentido heroico da honra, se dedicaram à vida breve”¹⁷.

Como ressalta Teodoro Rennó Assunção em sua crítica à “bela morte” vernantiana, os erros cometidos pelos heróis os qualificam como *népîoi*, “infantil” ou “juvenil”, e, nesse caso, nada há de glorioso¹⁸. A poesia homérica, portanto, pode ter mapeado caracteres contrastantes entre modelos de masculinidades reprováveis ou assentidas pela tradição que gerou seus versos. Os textos antigos, de fato, informam mais sobre o que se espera do comportamento masculino do que sobre suas efetivas práticas no interior das sociedades helênicas, como destaca Maurice Sartre¹⁹. Todavia, o autor se

¹⁴ SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. Vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

¹⁵ ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men: classics and misogyny in the digital age*. Cambridge-MA: Harvard University Press, 2018.

¹⁶ VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 31–62, 1978. p. 31-32.

¹⁷ VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 31–62, 1978. p. 43.

¹⁸ ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Nota crítica à bela morte vernantiana. *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. I.], v. 7, p. 53–62, 1995.

¹⁹ SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. Vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 18.

limita a interpretações que entendem as masculinidades homéricas como unidimensionais e observa na literatura épica apenas modelos de virilidade guerreira. Além de Vernant e Sartre, James Redfield²⁰ interpreta uma “anticomunidade de combate” nos épicos e Charles Brooks²¹ argumenta que os homens da épica são exemplos bravios e imprudentes.

Em contradição, entendo ser possível compreender transgressões em relação à norma entendida, mesmo nos contextos literários, de modo que a epopeia homérica não representa um único e intransigente modelo coerente de masculinidade. Logo, ainda que exista uma grande produção de pesquisas que relacionam gênero à narrativa homérica, boa parte ainda se limita às interpretações que leem em Homero defesas a modelos de virilidade e brutalidade masculina na Antiguidade²².

Uma das denominações recorrentemente aplicadas aos personagens masculinos nos poemas homéricos é *hérōs*, termo que, quando dicionarizado, apresenta múltiplos significados em virtude de seus usos também polissêmicos na épica arcaica. Como apontou Christian Werner²³ no âmbito da poesia hexamétrica, tal termo se refere, primordialmente, a homens de uma época relativamente distante, podendo ser, assim, considerados distintos daqueles da audiência em virtude de suas qualidades e tempo excepcionais, levando à tradução (semanticamente coerente) como “herói”.

²⁰ REDFIELD, James. *Nature and Culture in the Iliad: the tragedy of Hector*. Durham: Duke University Press, 1994. p. 104.

²¹ BROOKS, Charles. *The Heroic Impulse in the Odyssey*. *Classical World: a quarterly journal on Antiquity*, Baltimore, n. 70, v. 7, 1977. P. 455.

²² Pesquisas como *Homeric Masculinity* (2003) de Barbara Graziosi e Johannes Haubold, *Aspects of effeminacy and masculinity in the Iliad* (2011) de Christopher Ransom e *Homer's dream guy* (2023) de Beatrice Mellsop, são exceções dignas de nota. Cf. RUZENE, Felipe Daniel. *À mesa de Homero: masculinidades contrastantes a partir dos comportamentos ético-dietéticos nos banquetes da Ilíada e Odisseia*, século VIII AEC. Orientadora: Renata Senna Garraffoni. 2025. 189 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

²³ WERNER, Christian. O mundo dos heróis na poesia hexamétrica grega arcaica. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória-ES, n. 2, p. 20-41, 2013. p. 29.

Persiste, contudo, a dúvida se, no Período Arcaico, o público que assistia às apresentações dos aedos reconhecia essas figuras como parte de uma categoria cultural mais ampla – ou seja, entidades religiosas, igualmente nomeadas como “heróis”²⁴, conectadas a locais específicos e capazes de atuar no mundo dos vivos. Convém advertir que afirmações sobre as relações diretas entre a poesia épica e as práticas litúrgicas do período arcaico não são consensuais, apesar de inúmeras contribuições significativas²⁵.

Sabe-se, como apresentado pelos estudos de Milman Parry²⁶, que há terminologias estilísticas em Homero, logo a recorrência às menções heroicas sugere ou um demarcado motivo na poética hexametal ou uma consciência plural na definição do heroísmo homérico²⁷. Em outros termos, frente à amplitude da ideia de herói em Homero, a épica ou evoca personagens como heróis por razões métricas-formulares, ou a visão de heroísmo ali representada não se limita à atividade guerreira e à divinização religiosa. Em ambos os casos, portanto, entendo que não seria possível afirmar uma definição *sui generis* dos caracteres que diferenciam um herói dos demais

²⁴ Observe o fato de o termo “herói” ser amplamente empregado nos épicos para diferentes performances de masculinidade – na *Odisseia*, por exemplo, mesmo trabalhadores, como o porqueiro Eumeu (*Od.* XIV, 514) e o aedo Demódoco (*Od.* VIII, 483), são evocados pelo mesmo título heroico atribuído a deuses, aristocratas e guerreiros. O porqueiro, por exemplo, é recorrentemente tratado pelo epíteto aristocrático *órkhamos andrôn*, “condutor de homens” (*Od.* XIV, 22 e 121; XV, 351 e 389; XVI, 36 e 184).

²⁵ Veja, por exemplo, as discussões apresentadas por: NAGY, Gregory. Homeric questions. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, v. 122, p. 17–60, 1992.

²⁶ O classicista estadunidense Milman Parry, a partir de pesquisas de campo com rapsodos da ex-Iugoslávia na década de 1930, apresentou conclusões que reformularam os estudos clássicos e literários, observando em Homero as “pistas textuais” de suas origens orais e de seus padrões formulares. Sua pesquisa de campo foi capaz de relacionar o padrão repetitivo que regia as poesias orais, apresentando uma explicação convincente para seu uso recorrente ao longo das obras homéricas. Assim, essas fórmulas e repetições deixaram de ser lidas como imperfeições nos épicos e passam a ser interpretadas como atributos estilísticos necessários à manutenção da métrica e do ritmo e servindo de recurso mnemônico comum à poesia oral. PARRY, Milman. Published works. In: PARRY, Adam (Ed.). *The making of Homeric verse: the collected papers of Milman Parry*. Oxford: Clarendon Press, 1971. p. 13.

²⁷ Segundo contagens extraídas da Perseus Digital Library, o termo herói (*hérōs*) e algumas variações aparecem 67 vezes no texto da *Ilíada* e 35 na *Odisseia*.

personagens representados em Homero, ao menos não nos baseando apenas na análise de nomes-epítetos²⁸.

A característica heroica é, portanto, intrínseca ao tempo histórico e à geração dos personagens homéricos, sendo que mesmo não-guerreiros permanecem sendo “heróis”²⁹. Segundo Werner, os poemas homéricos narram as ações de “homens melhores”, heróis pertencentes a uma linhagem extinta, descritos como mais fortes e poderosos do que aqueles que formavam a audiência dos poemas³⁰. As façanhas divinas relatadas interferem diretamente no mundo desses heróis.

De fato, apesar da inegável força ímpar e virilidade presentes nas personagens bélicas da épica homérica, há de se considerar o fato de que esses mesmos heróis-guerreiros também são responsáveis pelas guerras que os dizimam. De maneira menos direta, como na busca de Aquiles por glória, ou de modo mais evidente, a exemplo de Páris – frequentemente apontado como o causador do conflito com os gregos. Aliás, o príncipe troiano (também chamado Aléxandros) é um interessante caso a ser analisado, uma vez que representa uma outra esfera da masculinidade homérica.

O caso de Páris em contraste

²⁸ Os epítetos são palavras ou expressões, muito recorrentes nos poemas, que Homero associa às personagens e são bastante funcionais na estilística do poema, a depender do enquadramento métrico que ocupam no verso. Na análise de Milman Parry, o que define o epíteto usado pelo poeta não é o sentido que se dá à sentença, mas a extensão métrica que ocupa no verso. Há, portanto, nos usos desses recursos formulares, uma notável finalidade poética. PARRY, Milman. Published works. In: PARRY, Adam (Ed.). *The making of Homeric verse: the collected papers of Milman Parry*. Oxford: Clarendon Press, 1971. p. 5 e 14-17.

²⁹ SOUZA, Renata Cardoso de. *Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.)*. 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 101.

³⁰ WERNER, Christian. O mundo dos heróis na poesia hexamétrica grega arcaica. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória-ES, n. 2, p. 20-41, 2013. p. 22.

Versos do canto III da *Ilíada* recobram a responsabilidade de Páris sobre a guerra que dizimava a cidade troiana³¹. Assim pronuncia seu irmão, Heitor:

Páris, és pária! Escultural, amulherado
e bom de lábia! Não tivesses vindo ao mundo,
morto sem núpcias! Sim! Melhor teria sido
do que ultrajar, envergonhar os que te cercam.
Os dânaos de cabelos longos riem de ti.
Tua beleza³² os fez pensar que eras ótimo,
mas tens a têmpera de um desfibrado.³³

Mesmo possuindo a mesma beleza e força dos demais guerreiros heroicos, Heitor evoca o irmão como *gynaimanēs*, “amulherado” (para Trajano Vieira), “sedutor de mulheres” (em Carlos Alberto Nunes) ou “mulherengo” (na tradução de Haroldo de Campos), motivo pelo qual o responsabiliza pelo confronto contra os gregos. O termo aplicado é uma qualificação que provém da justaposição dos substantivos: *gūnē*, “mulher”, e *manī*, “loucura”. Duas possibilidades se colocam diante dessa nomenclatura, como afirma Ann Suter: Páris poderia ser o sujeito passivo da loucura que advém das mulheres (“louco por mulheres”) ou o agente ativo do enlouquecimento delas (“aquele que deixa as mulheres loucas”).³⁴ Como Suter (1984), estou mais predisposto a entender da segunda maneira, compreendendo que parte da crítica ao modelo masculino evocado por essa terminologia está na figura do sedutor. O comportamento galanteador e

³¹ A responsabilidade da guerra recai diretamente em Páris ainda nos cantos V (v. 63-64), VI (v. 280-281) e XII (v. 115-116).

³² Note o uso do termo “*kalòn*”, derivado de “*kalós*”, para se referir à beleza de Páris, nome arcaico particularmente associado à pederastia grega, como assinala: STERN, Jacob. Phanocles' Fragment 1. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, Pisa, v. 3, p. 135-143, 1979. p. 138.

³³ “Δύσπαρι εῖδος ἄριστε γυναιμανές ἡπεροπευτὰ/ αἰθ' ὄφελες ἄγονός τ' ἔμεναι ἄγαμός τ' ἀπολέσθαι;/ καὶ κε τὸ βουλοίμην, καὶ κεν πολὺ κέρδιον ἦεν/ ἡ οὔπω λώβην τ' ἔμεναι καὶ ὑπόψιον ἄλλων./ ἡ που καγχαλόωσι κάρη κομόωντες Ἀχαιοί/ φάντες ἄριστηα πρόμον ἔμεναι, οὔνεκα καλὸν/ εῖδος ἔπ', ἀλλ' οὐκ ἔστι βίη φρεσὸν οὐδέ τις ἀλκή.” (II. III, 39-45).

³⁴ SUTER, Ann. *Paris/Alexandros: a study in Homeric technique of characterization*. Tese (Doutorado em Filosofia). 1984. Department of Classics – Princeton University, Princeton, 1984. p. 74.

dado às paixões afasta o herói de suas responsabilidades que, pelos acontecimentos da tradição poética, estão no ambiente bélico³⁵.

Na ocorrência do julgamento de Páris (*Il. XIV*, 25-30), ao escolher os “dons de Afrodite” (*dôra Afrodítis*), o príncipe já pronunciava o modelo de masculinidade pelo qual será guiado, aquele que se pauta na beleza e sexualidade, cujas paixões sobrepujam as virtudes. Segundo Heitor, a beleza ímpar do irmão deveria ser prognose para um excelente desempenho no campo de batalha: sendo o mais belo, deveria ser também o mais corajoso (*Il. III*, 46-55). Há, porém, de se observar que o vocativo usado por Heitor para se referir à beleza de Páris, *eîdos áristos*, só é utilizado para mulheres – como aponta Renata Cardoso de Souza³⁶. Ou seja, uma beleza dissociada das demais virtudes que se atribui à masculinidade, ou, em outros termos, um insulto quando aplicado aos corpos masculinos. Páris é, portanto, demarcado como um homem relacionado à feminilidade, sedução e paixão.

Helena também exorta Páris e o acusa de gerir sua própria ruína, após fugir da luta que travava com Menelau. Os versos dão à rainha espartana voz para censurar Páris pela situação em que estavam:

Deixaste o prélio? Ah! Puderas ter morrido,
dobrado por alguém mais forte, o ex-consorte!
Vivias dizendo que o Atreu não era páreo,
nem com a lança, nem com o braço. Então, por que
não vais correndo provocar de novo o Atreu
dileto de Ares para te enfrentar? Não o faças!³⁷

³⁵ Convém ressaltar, porém, que nem sempre a esfera de atuação do homem heroico está na guerra. Como vislumbrado nos casos de Demódoco e Eumeu na *Odisseia*, que são heróis, mas não soldados, de modo que suas responsabilidades não estão no campo de batalha. Ainda assim, o homem deveria estar pronto para guerrear se o destino lhe imbuísse à batalha – como ocorre a Telêmaco, que não era guerreiro, mas precisa combater, junto ao pai, os pretendentes de sua mãe (*Od. XXII*, 170-464).

³⁶ SOUZA, Renata Cardoso de. Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.). 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 50.

³⁷ “ἡλυθες ἐκ πολέμου: ὡς ὥφελες αὐτόθ’ ὀλέσθαι/ ἀνδρὶ δαμεὶς κρατερῷ, ὃς ἐμὸς πρότερος πόσις ἦεν./ ἢ μὲν δὴ πρὶν γ’ εὔχε’ ἀρηϊφίλου Μενελάου/ σῆ τε βίῃ καὶ χερσὶ καὶ ἔγχει φέρτερος εἶναι:/ ἀλλ’ θι νῦν προκάλεσσαι ἀρηϊφίλον Μενέλαον/ ἐξαῦτις μαχέσασθαι ἐναντίον: ἀλλὰ σ’ ἔγωγε” (*Il. III*, 428-433).

De certo modo, ver-se-á em Homero, salvaguardadas as devidas proporções, certa ideia apresentada por Fábio Lessa ao tratar do Período Clássico, de que a sociedade helênica buscou “manter as mulheres distanciadas da esfera da ação masculina, mas ao mesmo tempo concedeu-as a função de policiar as ações dos cidadãos, isto é, de vigiar o comportamento masculino”³⁸. Eis o caso de Helena: embora afastada do palco central da guerra, ela possui o papel de atuar como sentinela do comportamento de Páris, apontando-lhe suas falhas e fazendo-o repensar seu papel no conflito.

As palavras de Helena surtem efeito a partir do Canto VI (II. VI, v. 503-525), quando o herói retorna definitivamente para os combates contra os aqueus após nova censura da rainha espartana (II. VI, v. 352-353). Ademais, há de se considerar que Páris não sofre calado às exortações, o troiano demonstra uma habilidade ímpar de eloquência ao contra-argumentar com seus repreendedores. Talvez por isso, nos versos já citados da fala de Heitor (II. III, 39), ele menciona o irmão como “bom de lábia” ou “bajulador” (ēperopeutēs). Habil com as palavras, Páris sempre encontra uma maneira de apaziguar seu interlocutor, seja: 1) distribuindo a culpa nos acontecimentos que culminaram na guerra (II. III, 59-66); 2) prometendo maior participação no campo de batalha (II. III, 438-446); ou 3) defendendo-se de acusações que considera indevidas (II. VI, 332-341; XIII, 768-787). Em muitos desses discursos ele é capaz de inverter a situação, deitando-se com Helena ou alternando as intenções de Heitor. Assim, Páris é um duplo arqueiro, dispara flechas e palavras³⁹.

[1] Não me censureis pelos dons da áurea Afrodite,
pois é impossível refutar o que nos dão

³⁸ LESSA, Fábio Souza. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004. p. 77.

³⁹ MACKIE, Hilary Susan. *Talking Trojan: speech and community in the Iliad*. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 1996. p. 56.

os deuses, nem tampouco pode-se escolhê-lo⁴⁰.

[2] Não venhas agredir, mulher, meu coração
Graças a Atena, Menelau venceu-me agora,
como eu o vencerei um dia. Os nomes nos
circundam. Ao prazer nos entreguemos⁴¹.

[3] Teu coração, Heitor, inculpa inocentes.
Em outra ocasião, talvez, eu evitei
lutar, mas minha mãe não procriou fujão⁴².

François Lissarrague aponta que Páris não é nem um homem completo, nem um guerreiro completo⁴³: visto como o causador dos males que assolam gregos e troianos, ele é recorrentemente evocado como um exemplo em desacordo com os modelos heroicos⁴⁴. Compreendo, porém, que não há “homens completos” na poesia homérica, todos representam potências e ausências. “Guerreiros completos” também são exortados pela poética, afinal “o herói homérico também é falho”⁴⁵. A questão está no fato de que, ante ao contexto de uma década de guerra entre sociedades bélicas, a habilidade guerreira era consideravelmente valorizada, o que não significa dizer que outras práticas não fossem igualmente reconhecidas na sociedade grega. Em suma, a crise está em Paris não atender ao modelo que se esperava dele ante

⁴⁰ “μή μοι δῶρ’ ἔρατά πρόφερε χρυσέτης Ἀφροδίτης:/ οὐ τοι ἀπόβλητ’ ἐστὶ θεῶν ἔρικυδέα δῶρα/ δοσσά κεν αὐτοὶ δῶσιν, ἔκων δ’ οὐκ ἄν τις ἔλοιτο:” (II. III, 64-66).

⁴¹ “μή με γύναι χαλεποῖσιν ὄνειδεσι θυμὸν ἔνιπτε:/ νῦν μὲν γὰρ Μενέλαος ἐνίκησεν σὺν Ἀθήνῃ, / κεῖνον δ’ αὗτις ἔγώ: πάρα γὰρ θεοὶ εἰσὶ καὶ ἡμῖν. / ἀλλ’ ἄγε δὴ φιλότητι τραπείομεν εύνηθέντε:” (II. III, 438-441).

⁴² “Ἐκτορ ἐπεὶ τοι θυμὸς ἀναίτιον αἰτιάσθαι, / ἀλλοτε δὴ ποτε μᾶλλον ἔρωῆσαι πολέμοιο/ μέλλω, ἐπεὶ ούδ’ ἔμε πάμπαν ἀνάλκιδα γείνατο μήτηρ:” (II. XIII, 775-777).

⁴³ LISSARRAGUE, François. The Athenian image of the foreigner. In: HARRISON, Thomas (Ed.). *Greeks and Barbarians*. New York: Routledge, 2002. p. 101-124. p. 115.

⁴⁴ A visão de autores antigos e modernos sobre a figura de Páris foi motivo de estudo em: SOUZA, Renata Cardoso de. *Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.)*. 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 50-99.

⁴⁵ SOUZA, Renata Cardoso de. *Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.)*. 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 78.

à sua posição de líder, aristocrata, guerreiro e potencial responsável pelo conflito.

Veja-se o caso do canto XXIV, quando Príamo reúne os filhos sobreviventes para lhes reprovar. Segundo o rei, só lhe restavam filhos indignos, passíveis de censura – mentirosos (*pseūstaī*), dançarinos (*òrchēstaī*) e ladrões (*arpaktēres*)⁴⁶. Há ali a dor pela perda de seu filho e, simultaneamente, um sentimento de que não haveria quem fizesse o trabalho de herdeiro e guerreiro como Heitor.

Depressa, seus molengas, filhos lamentáveis!
Morrêsseis ao invés de Heitor nos barcos rápidos!
Triste destino o meu: ter tido tantos filhos
notáveis, sem que me restasse ao menos um:
Troilos, ginete hábil, o divino Méstor
e Heitor, um nume entre os humanos. Seu semblante
tinha algo inumano, de prole imortal.
Ares os trucidou. Ficaram só velhacos,
ases na dança, bailarinos, mentirosos
que sabem só roubar do povo ovelha e cabra⁴⁷.

Tampouco isso deve ser lido como se o dançar e o cantar fossem reprováveis na cultura arcaica, mas são outros valores, menos relacionados ao contexto bélico⁴⁸ – embora igualmente pertencentes à *paideía*. O contexto deste poema, porém, dá-se à guerra:

Não a convida para a dança, mas à luta.
Sou incapaz de conceber plano melhor⁴⁹.

⁴⁶ Alguns dos termos em grego serão traduzidos ao longo do texto, visando apresentar o sentido literal das palavras e associá-los aos nossos argumentos. Contudo, na citação integral dos versos, opto pela tradução de Trajano Vieira inalterada, por isso podem ocorrer algumas inconsonâncias.

⁴⁷ “*σπεύσατέ μοι κακὰ τέκνα κατηφόνες: αἴθ’ ἄμα πάντες/ Ἐκτορος ὡφέλετ’ ἀντὶ θοῆς ἐπὶ νηυσὶ πεφάσθαι. / ὦ μοι ἔγώ πανάποτμος, ἐπεὶ τέκον υἱας ἀρίστους/ Τροίη ἐν εύρειη, τῶν δ’ οὗτινά φημι λελεῖφθαι, / Μήστορά τ’ ἀντίθεον καὶ Τρωῶλον ἵπποχάρμην/ Ἐκτορά θ’, ὃς θεὸς ἔσκε μετ’ ἀνδράσιν, ούδε ἔώκει/ ἀνδρός γε θνητοῦ πάϊς ἔμεναι ἀλλὰ θεοῖο. / τοὺς μὲν ἀπώλεσ’ Ἀρης, τὰ δ’ ἐλέγχεια πάντα λέλειππαι/ ψεῦσται τ’ ὄρχησται τε χοροιτυπίησιν ἄριστοι/ ἀρνῶν ἡδ’ ἔριφων ἐπιδήμιοι ἀρπακτῆρες.*” (Il. XXIV, 253-262).

⁴⁸ Na verdade, a própria guerra é evocada como uma dança na Ilíada. Segundo Heitor, o combate seria a “dança de Ares” (*méltesthai Ἀρεῖ*) (Il. VII, 241).

⁴⁹ “*ούμὰν ἔς γε χορὸν κέλετ’ ἐλθέμεν, ἀλλὰ μάχεσθαι. / ἡμῖν δ’ οὗτις τοῦδε νόος καὶ μῆτις ἀμείνων*” (Il. XV, 508-509).

Não obstante, há de se considerar que, para além das críticas à figura de Páris, é a ele que se reserva a glória de ferir e matar o melhor dos aqueus, Aquiles. Talvez por isso autores como o filólogo John Scott defendem que Páris seria o verdadeiro e grande herói da tradição mítica, não Aquiles ou Heitor, tendo sido modificado nos versos de Homero para que não fosse o raptor de Helena, um troiano, o principal dos heróis⁵⁰. Essa suposição me parece demasiada, porém a figura de Páris é bastante interessante em sua contradição.

[...] o líder troiano, Páris, a quem a tradição forneceu, era por razões morais indigno de ser o grande líder de ambos os lados, portanto o poeta foi obrigado a substituir outro cujas excelências humanas e morais o qualificavam para a liderança. A degradação de Páris envolveu uma grande contradição, a saber, em dar ao ouvinte a impressão de que o guerreiro que fez tanto era um covarde; a criação de Heitor envolveu a segunda grande contradição, a saber, em dar ao mesmo ouvinte a impressão de que o guerreiro que fez tão pouco era um poderoso campeão. A tradição estreitou o alcance do poeta em ambos os casos; ele poderia criar um herói, mas não uma guerra⁵¹.

Alexandros ou Páris, protetor de homens

Os estudos de Scott, ainda apontam para o nome do herói, Aléandros, como uma tradução para o grego de Páris, cuja composição provém do verbo “proteger”, *aléxiō*, e do substantivo “homem”, *ándros* – genitivo singular do substantivo *ànér*, que indica o indivíduo do sexo masculino.⁵² Por sua vez, Irene de Jong entende que Páris é um nome aplicado a contextos troianos e

⁵⁰ SCOTT, John. Paris and Hector in tradition and in Homer. *Classical Philology*, Chicago, v. 8, n. 2, p. 160-171, 1913.

⁵¹ “As already said, the Trojan leader, Paris, whom tradition furnished, was for moral reasons unworthy to be the great leader either side, hence the poet was obliged to substitute another whose human and moral excellencies fitted him for leadership. The degradation of Paris involved one great contradiction, namely, in giving the hearer the impression that the warrior who did so much was a coward; the creation of Hector involved the second great contradiction, namely, in giving that same hearer the impression that the warrior who did so little was a mighty champion. Tradition narrowed the poet's range in either case; he could create a hero, but not a war.” SCOTT, John. Paris and Hector in tradition and in Homer. *Classical Philology*, Chicago, v. 8, n. 2, p. 160-171, 1913. p. 166 (tradução própria).

⁵² SCOTT, John. Paris and Hector in tradition and in Homer. *Classical Philology*, Chicago, v. 8, n. 2, p. 160-171, 1913. p. 161-164.

Aléxandros voltado aos gregos, o que serviria para ratificar a índole estrangeira da personagem.⁵³

Ann Suter, por outro lado, entende essa dupla denominação como proveniente de um nome humano (Aléxandros) em detrimento a uma nomenclatura divina (Páris), título concebido em sua constante associação com Afrodite e Helena, filhas de Zeus⁵⁴. Contudo, como afirma Michael Lloyd⁵⁵ e reafirma Renata Souza⁵⁶, opto por demarcar que não fica evidente nenhuma distinção no emprego dessa dupla nomenclatura em Homero – sendo, sobretudo, uma escolha textual do poeta, possivelmente por razões métricas. Não obstante, é no mínimo uma característica bastante curiosa para a temática desta pesquisa que o nome mais recorrentemente aplicado ao herói representa, em tradução literal, o protetor do que é relativo ao homem e ao masculino⁵⁷.

Distanciando-se do campo de batalha, no contexto da *Odisseia*, por exemplo, observam-se mais exemplos de masculinidades não-bélicas que, diferentemente da *Ilíada*, não são por isso exortados – como Teoclímeno, o vidente, e Telêmaco, filho de Odisseu, também Eumeu, o porqueiro, ou o aedo Demódoco⁵⁸. Assim, é evidente que na poesia homérica são múltiplos e por

⁵³ DE JONG, Irene. Three off-stage characters in Euripides. In: MOSSMAN, Judith (Ed.). *Euripides*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 127.

⁵⁴ SUTER, Ann. *Paris/Alexandros: a study in Homeric technique of characterization*. Tese (Doutorado em Filosofia). 1984. Department of Classics – Princeton University, Princeton, 1984. p. 74.

⁵⁵ LLOYD, Michael. Paris/Alexandros in Homer and Euripides. *Mnemosyne*, Leiden, v. 42, n. 1/2, p. 76–79, 1989. p. 78.

⁵⁶ SOUZA, Renata Cardoso de. *Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.)*. 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 72.

⁵⁷ O nome Aléxandros é utilizado 45 vezes no texto da *Ilíada*, 19 das quais em discursos diretos das personagens. Páris, contudo, aparece somente 11 vezes e em apenas 2 delas por diálogos que não provém do narrador. Ver: LLOYD, Michael. Paris/Alexandros in Homer and Euripides. *Mnemosyne*, Leiden, v. 42, n. 1/2, p. 76–79, 1989. p. 76.

⁵⁸ SUTER, Ann. *Paris/Alexandros: a study in Homeric technique of characterization*. Tese (Doutorado em Filosofia). 1984. Department of Classics – Princeton University, Princeton, 1984. p. 60-61.

vezes dissonantes os modelos heróicos e as performatividades das masculinidades. Como a narrativa suscita:

A alguém um deus concede a função guerreira,
a um outro a dança, a um outro a cítara e o canto,
a um outro a lucidez sutil Zeus ecoante
fixou no peito. Muitos se beneficiam com isso.⁵⁹

Considerações finais

Logo, Páris, apesar de não ser um magno exemplo da destreza em batalha, permanece apresentando as características de um herói homérico. Como qualquer outro modelo heróico, ele representa como se deve e como não se deve agir, projetando ideais de masculinidade e pluralizando as representações épicas. Evidentemente há falhas ou dificuldades, mas o ato heroico está em reverter a situação de desequilíbrio causado por sua “insensatez” (*ältē*). Neste ponto, Aquiles e Páris se aproximam. A causa da perdição de Aquiles é a fúria que guia o poema em virtude da posse de Briseida, a de Páris é o desrespeito da ética hospitaleira ao raptar Helena.

Um herói pode fraquejar, tremer, sentir medo, mas este não deve sobrepujar o ímpeto de ficar e lutar. Quando ocorre a fuga, o retrocesso, este deve ser corrigido, a fim de que se restaure a *timē* e de que aquele que fugiu não seja alvo da némesis dos seus *ísoi*. É isso o que acontece com Páris, que é muito mais do que uma simples “contradição da epopeia”: ora ele se mostra corajoso, ora ele se mostra temente, pois é a representação de um ser humano. Ele recua e retorna à batalha, configurando-se num exemplo de como se agir, mas, de fato, ele é representado de uma maneira diferente e singular pelo poeta⁶⁰.

Na “psicologia homérica”, como estudou Robert Aubreton⁶¹, há aspectos coletivos pautados por um código de conduta modelar, visto que

⁵⁹ “Ἄλλω μὲν γὰρ ἔδωκε θεὸς πολεμῆσα ἔργα, / ἄλλω δ' ὄρχηστύν, ἐτέρω κιθαριν καὶ ἀοιδήν, / ἄλλω δ' ἐν στήθεσσι τιθεῖ νόον εύρυοπα Ζεὺς/ ἐσθλόν, τοῦ δέ τε πολλοὶ ἐπαυρίσκοντ' ἄνθρωποι,”. (Il. XIII, 730-734).

⁶⁰ SOUZA, Renata Cardoso de. Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.). 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 101-102.

⁶¹ AUBRETON, Robert. *Introdução a Homero*. São Paulo: Edusp, 1968.

as personagens épicas constituem um grupo social fechado (ligado aos deuses), e aspectos individuais, já que todos têm personalidade e atribuições específicas. Interessante observar que, ao tratar dos heróis homéricos, Aubreton inclui em suas investigações personagens não-guerreiros (como o porqueiro Eumeu) e femininos (Andrômaca, Helena, Penélope e Nausícaa), ampliando o rol do que se poderia considerar heroico – ideia aqui apoiada. Aubreton⁶², assim como a célebre obra de Cedric Whitman⁶³, observou a profunda humanidade dos heróis homéricos que, pela virtude de seus feitos, adquiriram após a morte um estatuto sobre-humano.

Como bem sintetizou Christopher Ransom:

Eu sugiro que é útil e informativo examinar o ‘outro’, o homem que quebra as regras da masculinidade e cujas transgressões e excessos ajudam a definir a masculinidade ideal ao fornecer um contraste contra o qual a identidade do homem ‘real’ pode ser estabelecida⁶⁴.

Esse homem “transgressor” da masculinidade hegemônica, permanece sendo igualmente heroico, uma vez que os personagens homéricos o são intrinsecamente⁶⁵. Como argumenta Raewyn Connell, é preciso reconhecer a diversidade nas masculinidades e as relações entre esses diferentes tipos de masculinidade, relações de aliança, dominação e/ou subordinação que permitem historicizar as noções “hegemônicas” de ser homem⁶⁶ – isto é, a política de gênero que há dentro da masculinidade e seus efeitos nas experiências corporais, sociopolíticas, culturais e individuações.

⁶² AUBRETON, Robert. *Introdução a Homero*. São Paulo: Edusp, 1968. p. 188.

⁶³ WHITMAN, Cedric. *Homer and the heroic tradition*. Cambridge-MA: Harvard University Press, 1958.

⁶⁴ “I suggest that it is useful and informative to examine the ‘other’, the man who breaks the rules of masculinity and whose transgressions and excesses help define ideal masculinity by providing a contrast against which the identity of the ‘real’ man can be established.” RANSOM, Christopher. *Aspects of effeminacy and masculinity in the Iliad*. *Antichthon*: Australasian Society for Classical Studies, Cambridge, v. 45, p. 35–57, 2011. p. 35. (tradução própria).

⁶⁵ SOUZA, Renata Cardoso de. Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.). 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p. 101.

⁶⁶ CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005. p. 71.

Referências bibliográficas

- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Nota crítica à bela morte vernantiana. *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 7, p. 53–62, 1995.
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. A philótes de Aquiles e Pátroclio na Ilíada: um esboço. *Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos Antigos do Grupo de Filosofia Antiga da UFMG: philia/amicitia na Antiguidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- AUBRETON, Robert. *Introdução a Homero*. São Paulo: Edusp, 1968.
- BROOKS, Charles. The Heroic Impulse in the *Odyssey*. *Classical World: a quarterly journal on Antiquity*, Baltimore, n. 70, v. 7, 1977.
- CLARKE, W. M. Achilles and Patroclus in love. *Hermes*, Wiesbaden, v. 106, n. 3, p. 381-396, 1978.
- CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- DE JONG, Irene. Three off-stage characters in Eurípides. In: MOSSMAN, Judith (Ed.). *Eurípides*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 369-389.
- DOVER, Kenneth. A homossexualidade na Grécia Antiga. Tradução: Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.
- GRAZIOSI, Barbara; HAUBOLD, Johannes. Homeric masculinity: ἡνορέη and ἀγηνορίη. *The Journal of Hellenic Studies*, Cambridge, v. 123, p. 60-76, 2003.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.
- LESSA, Fábio Souza. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.
- LISSARRAGUE, François. The Athenian image of the foreigner. In: HARRISON, Thomas (Ed.). *Greeks and Barbarians*. New York: Routledge, 2002. p. 101-124.

LLOYD, Michael. Paris/Alexandros in Homer and Euripides. *Mnemosyne*, Leiden, v. 42, n. 1/2, p. 76–79, 1989.

LOURENÇO, Frederico. Introdução. In: HOMERO. *Ilíada*. Lisboa: Quetzal Editores, 2019. p. 5-28.

MACKIE, Hilary Susan. *Talking Trojan: speech and community in the Iliad*. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 1996.

MELLSOP, Beatrice. Homer's dream guy: an exploration of masculinity and honor in the *Odyssey*. *Studies in Mediterranean Antiquity and Classics*, Saint Paul - MN, v. 7, n. 1, p. 1-8, 2023.

NAGY, Gregory. Homeric questions. *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, v. 122, p. 17–60, 1992.

PARRY, Milman. Published works. In: PARRY, Adam (Ed.). *The making of Homeric verse: the collected papers of Milman Parry*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

RANSOM, Christopher. Aspects of effeminacy and masculinity in the *Iliad*. *Antichthon*: Australasian Society for Classical Studies, Cambridge, v. 45, p. 35–57, 2011.

REDFIELD, James. *Nature and Culture in the Iliad: the tragedy of Hector*. Durham: Duke University Press, 1994.

RUZENE, Felipe Daniel. *À mesa de Homero: masculinidades contrastantes a partir dos comportamentos ético-dietéticos nos banquetes da Ilíada e Odisseia, século VIII AEC*. Orientadora: Renata Senna Garraffoni. 2025. 189 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

SANTOS, Luiz César Teixeira dos. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 73-77, 1997.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade: a invenção da virilidade – da Antiguidade às Luzes*. Vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. p. 17-70.

SCOTT, John. Paris and Hector in tradition and in Homer. *Classical Philology*, Chicago, v. 8, n. 2, p. 160-171, 1913.

SOUZA, Renata Cardoso de. *Páris épico, Páris trágico: um estudo comparado da etnicidade helênica entre Homero e Eurípides (séculos VIII e V a.C.)*. 2014. 120 f. Orientador: Fábio de Souza Lessa. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

STERN, Jacob. Phanocles' Fragment 1. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, Pisa, v. 3, p. 135-143, 1979.

SUTER, Ann. *Paris/Alexandros: a study in Homeric technique of characterization*. Tese (Doutorado em Filosofia). 1984. Department of Classics – Princeton University, Princeton, 1984.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*, São Paulo, Brasil, n. 9, p. 31–62, 1978.

WERNER, Christian. O mundo dos heróis na poesia hexamétrica grega arcaica. *Romanitas: Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória-ES, n. 2, p. 20-41, 2013.

WHITMAN, Cedric. *Homer and the heroic tradition*. Cambridge-MA: Harvard University Press, 1958.

WORMAN, Nancy. The body as argument: Helen in four Greek texts. *Classical Antiquity*, Berkeley, v. 16, n. 1, p. 151-203, 1997.

ZUCKERBERG, Donna. *Not all dead White men: classics and misogyny in the digital age*. Cambridge-MA: Harvard University Press, 2018.